

A MULHER EXILADA

Venus Brasileira Couy

Envelheci, tenho rugas enormes, visíveis no rosto. Toco-as, acaricio-as, estico-as, uma a uma, com a ponta dos dedos. Roçar incômodo que me perturba, me desola. Ressentida, ressecada, a minha pele? Há reentrâncias excessivas, parricidas neste rosto desolado e triste. Olho-me no espelho e não consigo recompor-me. Há somente manchas maculando a transparência do vidro, ferindo-me. Hoje dia inútil, fútil, passei toda a manhã entre cosméticos e máscaras revitalizadoras e tantas outras coisas que disfarçam essas rugas: riscos, rabiscos marcando a minha cara. Há cremes espalhados pela minha cama, e, ainda não sei, qual deles vou usar. Não sei se começo pelas mãos, pelas pernas, ou pelo rosto, tão áspero. O meu corpo está embalsamado em cremes, não reconheço-o mais. Há instantes atrás, a sua imagem me era segura, familiar. Agora, ela dissolve-se rapidamente diante de mim: «Me abismo, sucumbo». Nesta idade só tenho memórias, tímidas e agachadas, espionando-me. Ah! Nevralgias de uma mulher exilada, sem lugar sem porto seguro. Não estou mais no meu antigo mundo, ordenado e tranqüilo. Hoje, ao acordar, senti a mudança: estou cheia de perdas. Sem escrúpulos, o meu corpo exhibe essa falta: etilhaçado, partido como a «Guernica» de Picasso. Esquartejada, desalojada, a minha memória ecoa nesta velha casa, úmida e com goteiras. As infil-

trações aumentam a cada dia e abrem rachaduras nas paredes. Tenho medo, mas insisto: daqui eu não saio, daqui ninguém me tira. Ah! Musgos. Ah! Sustos inveterados que povoam o meu mundo. Estou inflada, como o João Bobo que tinha quando criança. Vou estourar, vou implodir. Preciso esvaziar-me. Vou cair? Não há pára-quedas e o chão é tão duro. Meus desejos brincam de bailarina e dançam na corda bamba. Equilibrar, eu? Amor entre trapézios: suspiro, transpiro pelas rendas, pelas fendas da porta inviolável.

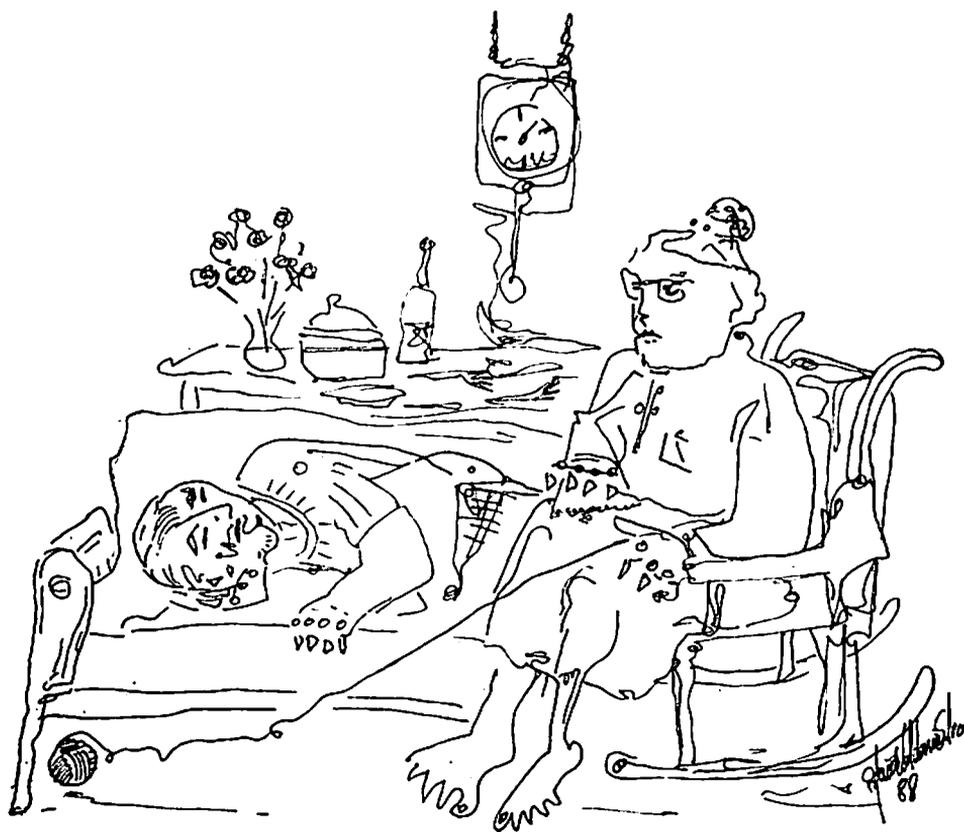


Ilustração: João Valdênio Silva